

O FASCINIO PELOS CONTOS DE FADAS NACIONAIS: RELATOS E EXPERIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Hudson Harison Holanda de Medeiros

Graduando do curso de pedagogia UERN-CAP e bolsista do projeto de extensão “Era uma vez...”

Francineide Batista de Souza Pedroza

Graduanda do curso de pedagogia UERN-CAP

Itaene Duarte Costa

Graduanda do curso de pedagogia UERN-CAP, colaboradora do Projeto de Extensão “Era uma Vez...”

Francisca Gilene Dantas da Silva

Graduanda do curso de pedagogia UERN-CAP

Maria Ghisleny de Paiva Brasil

Professora Orientadora, UERN-CAP, Coordenadora do projeto de extensão “Era Uma vez...”

RESUMO

O ato de contar histórias vem ganhando, a cada dia, mais espaço em âmbitos escolares. Isso se dá, especialmente, porque através dos contos a criança pode ingressar no fantástico universo do faz de conta, e através desse recurso são permitidas ao professor múltiplas estratégias para sua atuação pedagógica. Este trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a eficácia da utilização dos contos de fadas nacionais no processo de ensino e aprendizagem, bem como na reapropriação dos aspectos culturais e sociais dos alunos do Ensino Fundamental I. Está alicerçado em Bettelheim (1980), Cunha (1990), Abramovich (1997) e numa experiência vivenciada no Estágio Supervisionado II no Ensino fundamental I, onde utilizou-se a observação e regência em sala de aula com crianças de 6 e 10 anos para análise e construção deste.

Palavras-chave: Ensino Fundamental I, Contos de Fadas, Cultura Brasileira.

INTRODUÇÃO

O trabalho com a contação de história vem ganhando, a cada dia mais espaço nos âmbitos escolares. Especialmente porque através da interpretação dos contos espera-se que a criança desperte para um mundo fantástico, onde a imaginação e a realidade se entrelacem, contribuindo para que as crianças elaborem opiniões e resolvam seus conflitos mais próprios. Por meios desses recursos são possibilitadas ao professor as mais diversificadas estratégias de trabalho pedagógico. Diante desses aspectos e partindo da premissa de que cada nação tem orgulho de sua história, memórias, mitos e lendas, passadas e repassadas de geração para geração e de que para a infância o conhecimento construído através dessas narrativas, sempre foi e ainda é abundante, é que se objetivou o desenvolvimento de um projeto interdisciplinar, o qual apresentou como eixo motivador a prática pedagógica de contação de história e foi de fundamental importância para a efetivação deste artigo.

Segundo Bettelheim (1980), as histórias infantis têm o poder de enriquecer a vida das crianças, estimular a imaginação, desenvolver suas capacidades intelectuais e evidenciar sua emotividade, levar ao reconhecimento pleno de seus enigmas, além de harmonizar suas ansiedades e pretensões, sugere portas para os problemas que a cercam promovendo, ao mesmo tempo, a confiança em si própria e em seu amanhã. Diante disso, acreditamos que a literatura infantil desenvolva funções como: educar para a sensibilidade, pois em suas letras encontram-se um resumo do belo no universo das palavras e das imagens, tendo como fatores que arquitetam tais obras: o agradar, entrelaçar, aperfeiçoar, educar e distrair – tornando-se essencial no desenvolvimento das emoções e das mais variadas áreas de conhecimento no processo de ensino e aprendizagem.

A interdisciplinaridade age proporcionando intercâmbio entre as disciplinas as quais relacionam os seus conteúdos, permitindo o diálogo, o planejamento, bem como um trabalho de cooperação. Contudo sabemos que o professor interdisciplinar é aquele que acredita tanto nas suas potencialidades, quanto na dos seus alunos. Ou seja, é aquele que adequa os conteúdos às diversas realidades e de acordo com os assuntos a serem ministrados em sala de aula, levando em consideração uma prática pedagógica que possibilite a interdisciplinaridade, fazendo com que a aprendizagem seja satisfatória.

Dessa forma, a importância do uso da literatura infantil para educar é considerada, atualmente, um dos recursos fundamentais para a formação social, ética e literária da criança, e, através desta os mais diversos trabalhos pode ser viabilizados, bem como podem ser utilizados, empreendidos e instituídas as mais diversas situações. Assim, construir e executar o Projeto Interdisciplinar de Estágio Supervisionado II “A contação de história no fantástico universo cultural brasileiro” nos conectou a busca de uma interlocução entre os contos, as fábulas, os mitos e lendas brasileiros bem como a interdisciplinaridade presente nas práticas educacionais. O mencionado projeto interdisciplinar atendeu alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de incentivar a leitura, bem como o interesse em preservar aspectos da cultura brasileira. O trabalho foi realizado de forma interdisciplinar valorizando a contação de histórias, fábulas, lendas e mitos, como forma de resgate da tradição de um povo.

OS CONTOS COMO FONTE DE INSTRUÇÃO, DELEITE E PRAZER

A literatura infantil é aquela que se designa propositalmente à criança. No entanto, estudos realizados sobre este tipo de obras observam que, além disso, a

literatura infantil é aquela adaptada à psicologia infantil, pois são capazes de ser compreendidas e apreciadas pelas crianças, uma vez que, os textos relacionados a esse tipo de obras possuem: fantasia delicada, arte no enredo, além de fatores que se encaixam inteiramente entre os interesses da criança em certas idades, como: situações de vida, elementos fictícios relacionados ao campo dos sentimentos, soluções felizes longe de recursos absurdos ou incidentes burlescos, energia, fantasia, dentre outros elementos que tornam o texto agradável e interessante.

Na literatura infantil encontramos um resumo do belo no universo das palavras e das imagens. Fatores essenciais a qualidade das emoções e sua verdadeira conexão com a criança. Tornando, dessa forma, inegáveis as funções que os contos de fadas, as fábulas, os mitos e lendas, podem exercer nas mais variadas áreas de conhecimento, desenvolvimento e aprendizagem de uma criança em suas distintas etapas da vida.

Segundo Cunha (1990), a literatura infantil influencia diretamente os aspectos gerais da educação do aluno, atuando nas diversas áreas do conhecimento e influenciando as mudanças de comportamento em relação a atividade, inteligência, efetividade, aspectos vitais do ser humano. Com isso, compreendemos que, é por meio da literatura infantil que se constrói o cidadão que possui entendimento, compreensão e criticidade.

A literatura é um discurso carregado de vivência íntima e profunda que suscita no leitor o desejo de prolongar ou renovar as experiências que veicula. Constitui um elo privilegiado entre o homem e o mundo, pois supre as fantasias, desencadeia nossas emoções, ativa nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimento. Ela é criação, uma espécie de irrealidade que adensa a realidade, tornando-nos observadores de nós mesmos. Ler um texto literário significa entrar em novas relações, sofrer um processo de transformação. (CHIAPPINI, 2007, p. 22-23).

Diante disso, denotamos a amplitude das funções dos contos de fadas, lendas, mitos e fábulas como a aquisição da leitura reflexiva, de vocabulário, de conceitos bem como o gosto pela leitura e a escolha de valores. Sendo que, deverá ser priorizado com esse trabalho o instruir, deleitar e educar as crianças bem como o distrair. Pois se não existir arte que reporte ao deleite, a literatura infantil deixará de ser uma obra literária para tornar-se apenas um livro didático, uma vez que reúne o encanto das imagens e palavras prezando a qualidade dos sentimentos e sua ligação verdadeira com o universo infantil.

O CONTEXTO SÓCIO – CULTURAL DA CRIANÇA

A contação de história é uma arte milenar. Iniciou-se com os primórdios da humanidade por meio da tradição oral e persiste por várias e várias gerações. A contação é responsável por ampliar o universo literário e atuar na imaginação leitora por meio da construção de imagens. Agindo também na formação intelectual dos educandos e despertando-os para o interesse e o estímulo pela leitura, vivenciada nas mais diversas formas.

Repensar constantemente os desígnios do uso da contação na escola é essencial para que seja mantido um julgamento do trabalho pedagógico, bem como uma adaptação mais primorosa das maneiras de se trabalhar com esse recurso.

A criança tem uma vivência carregada de fantasia. Ao brincar, ela reproduz elementos fantásticos que recebeu de algum lugar: da televisão, de casa, dos colegas, da escola. Esse é um momento importante para a introdução da leitura, pois é o momento em que a criança sente-se segura, familiarizada e seduzida pelo universo da fantasia. (SOUZA, 1989, p. 26)

Contar uma história, grande ou pequena, real ou fantasiosa, ou ainda ler um livro, respeitando logicamente a faixa etária do espectador, deve ser hábito nas salas de aula, prezando sempre as finalidades e relacionando com a realidade e os interesses dos alunos.

No exercício da docência é plausível instituir momentos onde os educandos compreendam a relevância da contação de histórias, sobretudo num processo de conhecimento histórico e cultural e no ensaio do desenvolvimento de sua criticidade. Como diz Abramovich (1997), ao ler uma história a criança também desenvolve todo seu potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar querendo saber mais e melhor, ou percebendo que se pode mudar de opinião.

Outro fator de destaque na contação de histórias é o desenvolvimento comunicativo. A oralidade está presente durante todo o tempo da contação, fazendo com que a criança desenvolva o diálogo, o ato de apresentar-se em público e também sua capacidade de expressar-se normalmente em situações familiares e escolares, sociais e intelectuais. Por meio da interação sociocultural é possibilitada a criança a interação com os demais colegas, a criação de laços sociais e o gosto pela leitura, escrita e apreciação das artes.

Partindo desses preceitos, defendemos que a ação de narrar e ouvir histórias pode e deve se tornar um costume no âmbito das salas de aulas, pois estes propiciam momentos de intercâmbio e reflexão entre o grupo, onde as inter-relações entre os tipos de conhecimentos com o mundo real os preparam para serem futuros cidadãos críticos e independentes na sociedade.

A LINGUAGEM COMO MOTIVADORA DA APROPRIAÇÃO CULTURAL

Segundo os PCNs (1997), precisamos ter domínio sobre a linguagem, para, assim, desenvolver as múltiplas possibilidades de participação social. É por meio dela, a linguagem, que o homem tem acesso as mais diversas formas de interações, partilham conhecimentos, constrói visões de mundo, expressa e defende pontos de vista.

Sendo a língua um sistema de signos histórico e social, confere ao homem dar sentido à sua realidade. Pois, ele não aprende só com palavras, mas, através de significados, da interação com sua cultura. Os meios pelos quais as pessoas se relacionam e interpretam as suas realidades, o contexto social, as diversas formas de apropriação de saberes, são fatores relevantes na construção da identidade cultural de cada cidadão.

De acordo com os PCNs (1997), a linguagem “possibilita não só a representação e a regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas, também, comunica ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, e desse modo, influencia o outro e estabelece relações interpessoais anteriormente inexistentes. (p. 24) Assim, o conhecimento de formas culturais diversas, bem como o respeito às múltiplas linguagens, é fundamental para que as crianças tenham conhecimento e saibam identificar a realidade cultural em que está inserida.

O trabalho com as expressões típicas de variados grupos sociais facilita a convivência com os colegas e desenvolve formas de respeito mútuo e conhecimento de outras tradições.

Oferecer informações para que a criança possa perceber que existem múltiplas formas de interpretação das origens do universo e da vida, diferentes sistemas de construção do saber que coexistem e podem ser, muitas vezes, complementares, auxiliará o desenvolvimento de atitudes de diálogo e respeito em relação a culturas distintas daquelas de origem. É uma forma também de se trabalhar a mútua influência e os diferentes níveis de integração que permeiam e entrelaçam diferentes

formas de organização social e de expressões culturais.
(BRASIL, 1997, p. 78)

A partir dessas pontuações, compreendemos que a contação é primordial na aprendizagem da criança, pois ela ajuda no desenvolvimento cognitivo e social, além de ser fonte inesgotável de divertimento, motivação e deleite. A nós, professores cabem a simples tarefa de estimulá-los a leitura, através de bons livros e que estes sejam acessíveis ao seu nível de aprendizagem. Uma vez que, embora as tarefas, atividades e demais recursos relacionadas à contação pareçam mera brincadeira, na verdade são marcos iniciais de construção de uma cultura.

QUEM CONTA UM CONTO? QUE TAL UMA VISITA AO UNIVERSO CULTURAL BRASILEIRO?

O Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental serviu de fonte essencial para a realização deste trabalho, visto que permitiu, a partir da experiência vivenciada nas oficinas de estágio, a observação, análise e reflexão sobre a importância dos contos de fadas como elementos mediadores de aprendizagens neste segmento. As atividades nesse Estágio tiveram como etapas: Observação no lócus de atuação (diagnóstico da sala onde iríamos atuar como docentes); Planejamento – Construção de um projeto interdisciplinar com base nas necessidades evidenciadas na fase de diagnóstico; Regência (docência – desenvolvendo o projeto interdisciplinar); Análise e produção de um artigo com base na experiência realizada.

Contrariamente ao que esperávamos nos deparamos com um campo onde não havia um trabalho planejado no que concerne às atividades com as histórias infantis e/ou momentos que contemplassem o desenvolvimento do imaginário e da oralidade de maneira lúdica. Este fato nos impulsionou a construir o projeto para desenvolver na regência tomando como eixo central os contos de fadas essencialmente nacionais como fatores de apropriação e resgate cultural daquelas crianças.

Nesse sentido, definimos o projeto de estágio sob a temática: “A Contação De História No Fantástico Universo Cultural Brasileiro” entendendo que através do uso de contos nacionais as crianças desenvolvem a condição de agente conhecedor de seus arquétipos culturais. Além de os contos de fadas abrirem espaço para que a criança possa emitir opinião, construir significados sobre questões inerentes a diversos contextos, ampliar as interações pessoais na própria sala de aula.

A magia das fábulas dá asas à fantasia e desenvolve a descoberta dos elementos para se proteger da vida real, dessa forma, ouvir contos é experimentar sentimentos preciosos, como a descoberta de si mesmo, o identificar-se, é distinguir espaços, momentos e indivíduos, é revelar situações vividas no cotidiano e desvendar novos mundos e enxergar através de outra perspectiva: a imaginação, mas, sobretudo, ouvir histórias significa ingressar num universo fascinante, curioso, cheio de segredos e maravilhas que além de deslumbrar, diverte e especialmente educa.

Pelo processo de ‘viver’ temporariamente os conflitos, angústias e alegrias dos personagens da história, o receptor multiplica as suas próprias alternativas de experiências do mundo, sem que com isso corra risco algum.”(AMARILHA, 1997, p. 19)

Partindo dessas premissas, o trabalho desenvolvido foi norteado por atividades em que as crianças interagiram com a leitura e a escrita, bem como com os conteúdos da Natureza e Sociedade, lendas e histórias pertencentes ao entorno brasileiro, ainda trabalhamos com a geografia, fauna e flora nacionais.



Deste modo, mediante a intenção do projeto, durante uma semana de intervenção, trabalhamos com contos de fadas, lendas fábulas excepcionalmente nacionais, através da contação de histórias, dramatização entre outras atividades.

Com isso pode-se trabalhar os diversos fatores do desenvolvimento cognitivo das crianças como, por exemplo: nos planos que envolveram a contação da história as reações de narizinho de Monteiro Lobato pudemos trabalhar os diferentes espaços inerentes à fauna e flora do nosso país, em “As caçadas de Pedrinho” trabalhamos o respeito aos animais e a diferença entre animais domésticos e selvagens, para atender a diferenciação dos animais quanto o seu habitat natural utilizamos a fábula

“Festa no céu” e desenvolver, por meio da lenda “As Mangas Jasmim de Itamaracá”, a imaginação, a percepção, a interpretação, o hábito de ouvir, a concentração, o gosto pelas histórias, resgatando as memórias, culturas, usos e tradições de um povo.

Vale ressaltar, aqui, que um dos objetivos norteadores do trabalho foram a busca da interação/inclusão através dos contos entre o professor-aluno, aluno-aluno e os conteúdos de aprendizagem já expressos. Assim, enquanto professores estagiários daquela turma, procuramos assumir uma perspectiva interdisciplinar não perdendo de vista o lúdico e os contos de fadas como mediadores de todo o processo da construção de conhecimentos.

A partir dessa experiência vivenciada no período de Estágio, podemos analisar que, pelo encanto que produzem e pela importante função afetiva que têm para as crianças, os contos de fadas devem ser utilizados pelo docente, não apenas em momentos esporádicos e descomprometidos de leitura, mas ser incorporados na rotina escolar como um momento sobre o qual os alunos possam pensar e agir, das mais diferentes formas – em atividades plásticas, simbólicas, cênicas, de leitura e escrita, e tantas outras quanto a realidade de cada sala de aula. Pela imensa riqueza e poder de suas palavras, os contos de fada merecem um espaço a eles reservado em qualquer projeto pedagógico.

Ressaltamos aqui que, como iniciantes na docência, enfrentamos temores, dificuldades, e especialmente desafios. Entre eles, destaca-se a resistência dos docentes em trabalhar na perspectiva de projeto interdisciplinar, talvez pela inexperiência, como citou a professora regente:

Nunca trabalhei desse modo, acho muito complicado. Conto histórias, mas tenho dificuldade para contar desse jeito dramatizando. Da maneira que vocês contam vi que as crianças gostam mais, ficam mais atentas. Mas é difícil. (PROFESSORA REGENTE).

Esta fala da professora demonstra suas limitações, como observamos em lócus nos primeiros momentos do estágio, até existe uma “Hora do conto”, mas as crianças ficam dispersas, não se entusiasmam. Notamos que a maneira como a professora conta as histórias não motiva as crianças a entrarem no mundo mágico dos contos. A inexistência de recursos tanto materiais quanto o próprio modo de trabalhá-los desfavorecem e acabam não chamando a atenção dos discentes.

Assim, diante dessas observações de extrema relevância, construímos a seguinte síntese: as mensagens positivas que os contos carregam os tornam fascinantes,

mas, sobretudo únicos e insubstituíveis em sua importância para o imaginário infantil. O trabalho com os contos assegura à criança que ela também será capaz de superar as dificuldades; através deles a herança cultural é comunicada às crianças, tendo uma grande contribuição para sua educação moral. Com os contos aprende-se uma forma de linguagem, uma forma de interação, uma atividade, um trabalho simbólico diferenciado.

CONSIDERAÇÕES

Diante de tudo que aqui foi exposto, acreditamos que, a prática do Professor mediador deverá caracterizar-se através de atividades que mobilizem e incitem seu grupo de educandos à apropriação do aprendizado de maneira mais lúdica e prazerosa, sempre os instigando a fazer uso da flexibilidade e da criticidade acerca dos assuntos abordados e de seu conhecimento de mundo. Assim, por meio da diversificação de atividades, procedimentos de ensino e dos recursos materiais, o educador poderá planejar e desenvolver as suas aulas para que proporcionem uma aprendizagem bem mais significativa.

A utilização dos contos de fadas enquanto recurso pedagógico, poderá propiciar momentos onde a ludicidade e o deleite dos alunos prevalece, pode despertar nas crianças, ao ler ou ouvir histórias - o empenho em estudar e compreender os valores e conceitos concernentes ao desenvolvimento pessoal, social e cognitivo inerentes aos objetivos que se relacionam às práticas utilizadas no Ensino Fundamental.

Com isso, compreendemos que, durante o desenvolvimento de seu trabalho o professor, além de mediador, deve ser reflexivo e, especialmente, criativo - analisando, planejando e selecionando os materiais necessários para desenvolver as suas estratégias de trabalho. Diante disso, deve ter habilidade para construir os ambientes e todas as atividades que serão utilizadas para a contação de histórias, bem como utilizar-se de capacidades individuais no que concerne a leitura das obras infantis, com a finalidade de propiciar em seus educandos um desenvolvimento mais expressivo das capacidades que possuem, ou poderá possuir como: raciocínio lógico, concentração, atenção, amabilidade, capacidade criadora e imaginação, entre outras.

Assim, os contos de fadas devem ser inseridos nas práticas docentes, como uma forma lúdica de incitar a curiosidade de nossas crianças em manusear os livros, em descobrir o mundo a sua volta. Para isso, o professor deverá atentar para a escolha dos contos - estes deverão possuir uma linguagem próxima da realidade em que a criança está inserida, também deverá optar por narrativas breves com enredos que façam parte

de seu ambiente, deverá, ainda, considerar a personificação de seres inanimados, e a seleção de textos que falem de situações corriqueiras, através de personagens que se adaptem a circunstâncias novas e complexas.

Portanto, diante dos aspectos delineados neste trabalho, podemos afirmar que inserir os contos nas salas de aula, é de considerável relevância na formação moral, ética e atitudinal da criança; eles suscitam a emoção, a imaginação, a criatividade e interação das crianças nas atividades propostas.

Contudo, percebemos que o professor é o grande articulador desse processo, ele precisa estar apto a trabalhar com os contos, no sentido de ter habilidade para contar as histórias, para isso, é de suma importância a capacidade criadora, desenvoltura no trabalho gestual com o corpo e também com a oralidade. Além disso, deve atentar para a pesquisa no momento de selecionar o conto a ser exposto para as crianças. Entendemos que o docente munido dessas capacidades, irá permitir que a criança ao escutar uma história, compreenda o contexto em que ela se passa, faça relações e comparações.

A partir dessas pontuações, compreendemos que os contos são primordiais na aprendizagem da criança, pois eles ajudam no desenvolvimento cognitivo e social, além de serem fontes inesgotáveis de divertimento, motivação e deleite. A nós, professores, cabe a simples tarefa de estimulá-los à leitura, através de bons livros e que estes sejam acessíveis ao seu nível de aprendizagem. Uma vez que, embora as tarefas, atividades e demais recursos relacionados aos contos pareçam mera brincadeira, na verdade, são eles os verdadeiros marcos iniciais de construção de uma cultura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil. Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** – literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2002a.

BETTLHEIN, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

CHIAPPINI, Lígia. **Aprender e ensinar contextos didáticos e para didáticos**. 5º ed.v. 2. São Paulo: Cortez, 2007.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: Teoria e prática**. 10ª edição. São Paulo: Ática, 1990.

FAZENDA, Ivani C.A. **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

FAZENDA, Ivani C.A. **A Questão da Interdisciplinaridade no Ensino, Educação e Sociedade**. São Paulo, Cortez/Cedes, 2005.

LIBÂNEO, J. C. **Didática: Coleção Magistério, 2º grau: Série Formação do Professor**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 15 ED. – São Paulo: Cortez, 2003.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Um estado para a sociedade civil: temas éticos e políticos da gestão democrática**. São Paulo: Cortez, 2005.

SOUZA, N. O. O jovem que lê muito. Porque a escola manda. **Nova Escola**. São Paulo, n. 28. Mar. 1989